

Mão de obra

Da engenharia informática à escultura

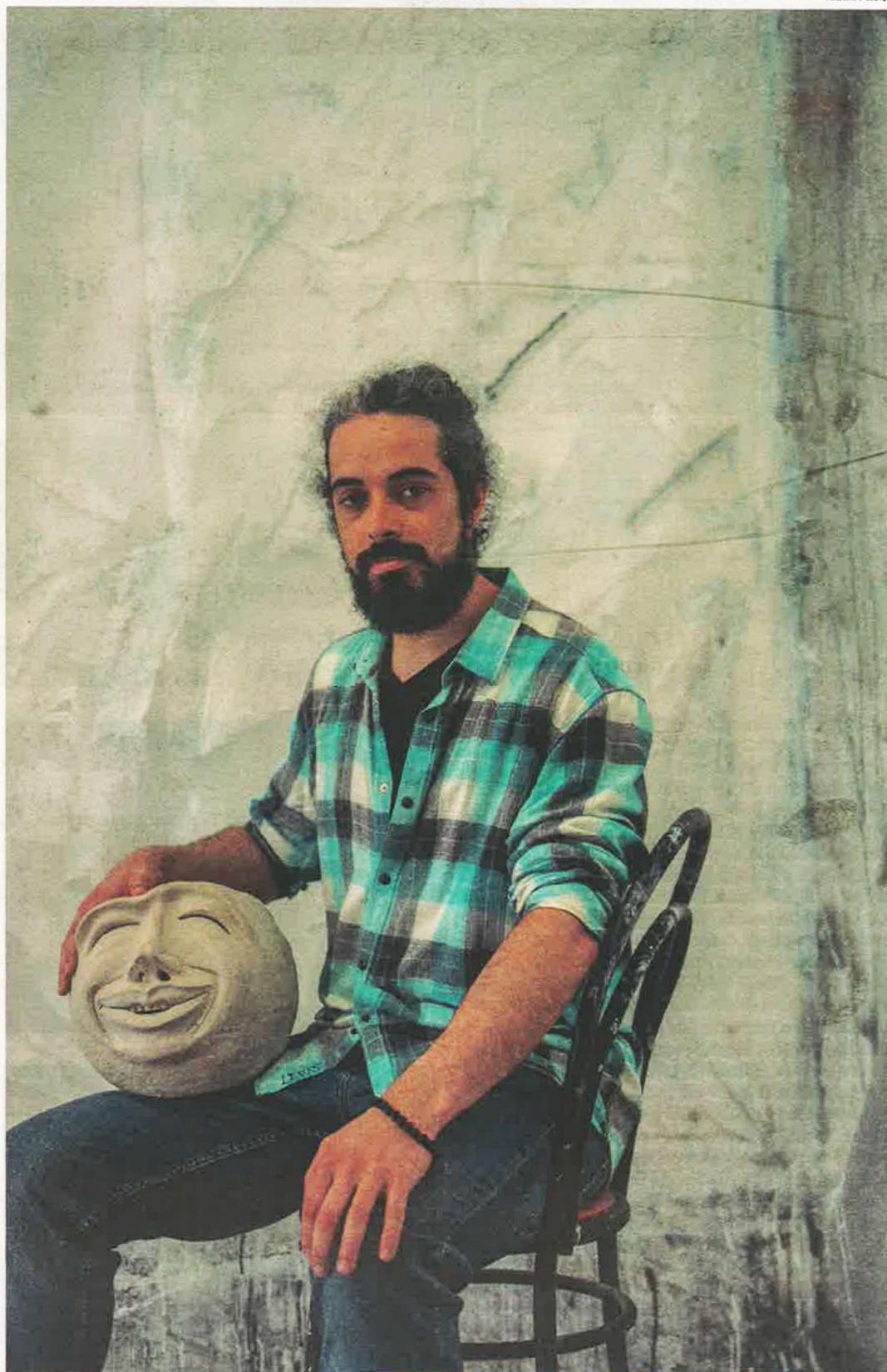
Era para ser um *software* mas tornou-se um rosto humano

Cláudio Garcia

claudio.garcia@jornaldeleiria.pt

É a primeira peça: um robô sentado, despedaçado, sem braços e sem cabeça. E é também o momento em que decide tornar-se “da cerâmica”. Deixar os algoritmos da linguagem digital e entrar, além da sombra da dúvida, num novo mundo, orgânico, que diz ser “muito manual, muito intuitivo e muito terapêutico”. Aluno de ciências e tecnologia no ensino secundário, estudante de engenharia informática no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Filipe Faleiro mudou de vida, literalmente, há três anos, depois de frequentar um curso de olaria no Cencal, o centro de formação para a indústria de cerâmica, que o pôs em contacto com diferentes técnicas e materiais. “Completamente fascinado”, decide deixar para trás a licenciatura, por concluir, para se fixar em Caldas da Rainha. Trabalha em ateliês, restaurantes, na apanha da fruta, “mas sempre, sempre, no mínimo, a fazer seis horas de cerâmica por dia”, no ateliê improvisado num quarto com renda, entre a cama e o espaço restante. Os astros começam a alinhar-se na edição 2018 do *Caldas Late Night*, em que Filipe Faleiro apresenta 108 pequenas máscaras em porcelana, com diferentes representações do rosto humano - um regresso, de certo modo, às viagens de uma hora entre Sintra e Lisboa, em caruagens de metro e comboio, através de gente de todas as origens, mergulhado num oceano de diversidade cultural. “Ao longo do tempo, sempre me fascinaram as pessoas, a expressão em si”, explica. “A expressão humana tem um riqueza gigante e é um infinito de possibilidades”. Na exposição, precisamente intitulada *A Expressão*, 108 peças, número com significado especial no contexto do budismo, em que brinca com simetrias e proporções, arrisca, desafia o certo e o errado, desfigura, mas, ao mesmo tempo, mantém a ligação com o público através de feições que todos entendem como humanas e com as quais se identificam. “Começam a chover telefonemas” e “em duas semanas” estão vendidas mais de 90 unidades. Daí para cá, o percurso ganha autonomia e independência. Filipe Faleiro tem agora ateliê na Rua Maestro Armando Escoto, onde tem vindo a desenvolver uma nova série de rostos, maiores, às vezes com duas caras, numa espécie de existência dual, de seres ligados a uma esfera, com outras pastas, além da porcelana, que incluem o grés, a faiança e o barro vermelho, com exploração de novas técnicas, a introduzir o vidro, a pintura e a cor, em parceria com a ilustradora Ana Sincu. Tem também uma bolsa *StartUp Voucher*, com que alimenta um projecto que visa levar as máscaras a escolas, lares e empresas, para “preencher uma lacuna em espaços onde falta alegria, cor, emoção, onde falta as pessoas reverem-se”. E garante que não vê, ainda, limites para o que está a fazer. “Cada rosto é único. Cada peça destas é uma nota e estou a compor uma música. E ainda não concluí a música. Ainda há muita coisa que quero fazer, tanto que quero explorar aqui”.

Filipe Faleiro, 27 anos, natural de Sintra, frequentou o Cencal - Centro de Formação Profissional para a Indústria de Cerâmica, em Caldas da Rainha, durante nove meses, no ano de 2016. Tem formação em engenharia informática, pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, curso que não chegou a concluir. Vive e trabalha em Caldas da Rainha, com ateliê próprio. É bolseiro do programa StartUp Voucher e está a preparar uma nova participação no evento Caldas Late Night, depois da estreia, no ano passado, com a exposição A Expressão, em que apresentou 108 máscaras de porcelana. Também já passou pelo MUSA - Museu das Artes de Sintra, e, mais recentemente, pelo festival Oeste Lusitano



RICARDO GRACA